

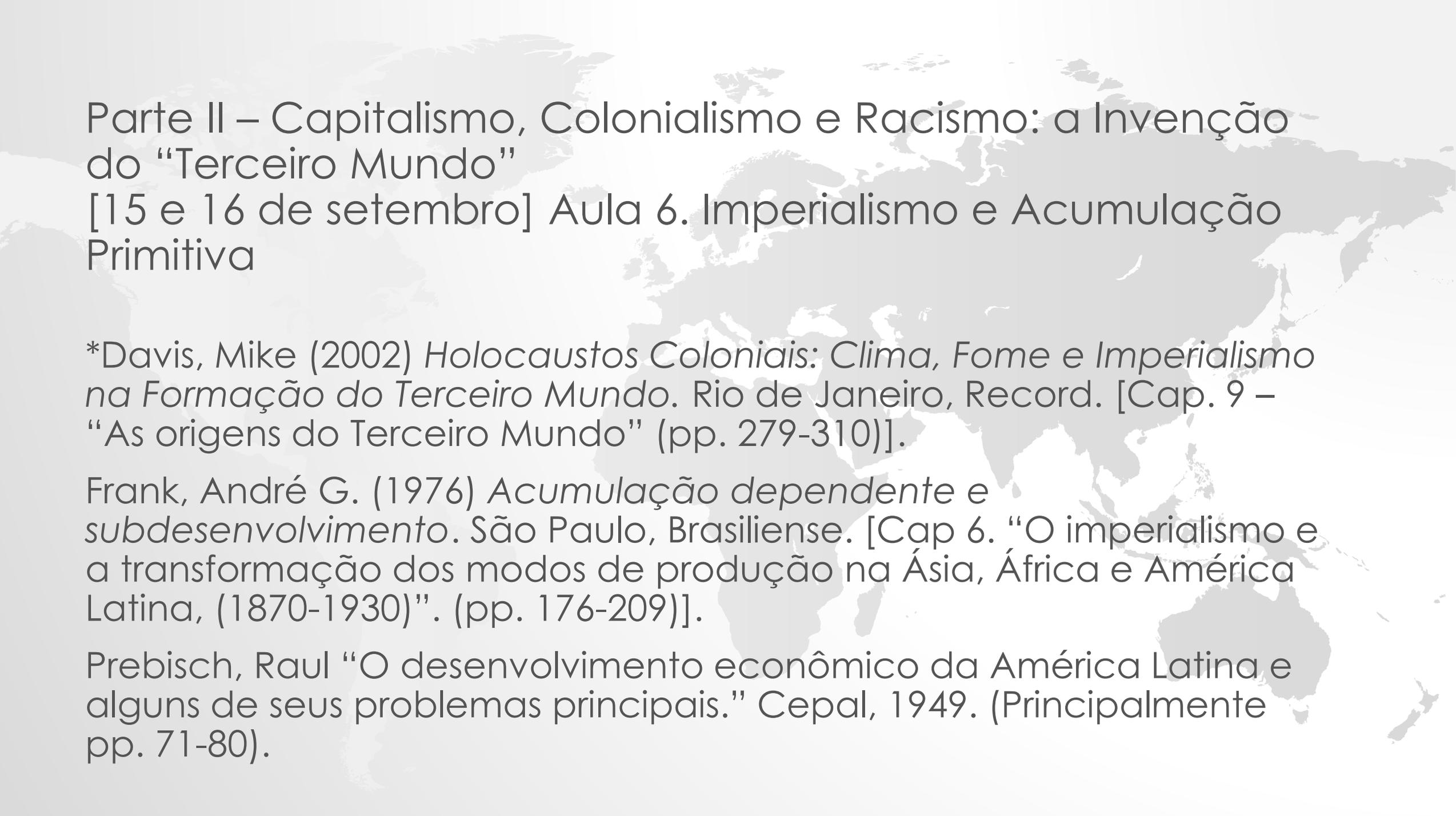


# SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO - A INVENÇÃO DO 'TERCEIRO MUNDO'.

*2º Semestre de 2016 – Graduação em Relações Internacionais – IRI-USP*

*Docente responsável: Prof. Dr. Alvaro A. Comin (548616) [alvcomin@usp.br](mailto:alvcomin@usp.br)*

*Monitor: Romeu Bonk <[romeubonk@gmail.com](mailto:romeubonk@gmail.com)>*



Parte II – Capitalismo, Colonialismo e Racismo: a Invenção do “Terceiro Mundo”  
[15 e 16 de setembro] Aula 6. Imperialismo e Acumulação Primitiva

\*Davis, Mike (2002) *Holocaustos Coloniais: Clima, Fome e Imperialismo na Formação do Terceiro Mundo*. Rio de Janeiro, Record. [Cap. 9 – “As origens do Terceiro Mundo” (pp. 279-310)].

Frank, André G. (1976) *Acumulação dependente e subdesenvolvimento*. São Paulo, Brasiliense. [Cap 6. “O imperialismo e a transformação dos modos de produção na Ásia, África e América Latina, (1870-1930)”. (pp. 176-209)].

Prebisch, Raul “O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais.” Cepal, 1949. (Principalmente pp. 71-80).

A ACUMULAÇÃO PRIMITIVA DE  
CAPITAL:  
EXPROPRIAÇÃO E COLONIZAÇÃO

# ACUMULAÇÃO PRIMITIVA DE CAPITAL

Viu-se como dinheiro é transformado em capital, como por meio do capital é produzida mais-valia e da mais-valia mais capital. A acumulação do capital, porém, pressupõe a mais-valia, a mais-valia a produção capitalista, e esta, por sua vez, a existência de massas relativamente grandes de capital e de força de trabalho nas mãos de produtores de mercadorias. Todo esse movimento parece, portanto, girar num círculo vicioso, do qual só podemos sair supondo uma acumulação “primitiva” (*previous accumulation* em A. Smith), precedente à acumulação capitalista, uma acumulação que não é resultado do modo de produção capitalista, mas sim seu ponto de partida.

**Fórmula do Capital**

$\boxed{K - M - K'}$

Marx, Karl (1867) O Capital. “Cap. XXIV – A chamada acumulação original”. Livro Primeiro, Tomo II, Coleção Os Economistas, Nova Cultural, 1986. (pg. 339)

# A PRÉ-HISTÓRIA DO CAPITAL

A assim  
chamada acumulação primitiva é, portanto, nada mais que o processo  
histórico de separação entre produtor e meio de produção. Ele aparece  
como “primitivo” porque constitui a pré-história do capital e do modo  
de produção que lhe corresponde.

Marx, Karl (1867) O Capital. “Cap. XXIV – A chamada acumulação original”. Livro  
Primeiro, Tomo II, Coleção Os Economistas, Nova Cultural, 1986. (pg. 340)

# TERRA E TRABALHO

“Onde a terra é muito barata e todos os homens são livres, onde cada um pode à vontade obter uma parcela de terra, o trabalho não somente é muito caro, no que diz respeito à participação do trabalhador em seu produto, mas a dificuldade está em conseguir trabalho combinado a qualquer preço.”<sup>789</sup>

Marx, Karl (1867) O Capital. “Cap. XXIV – A chamada acumulação original”. Livro Primeiro, Tomo II, Coleção Os Economistas, Nova Cultural, 1986. (pg. 386)

# CONCENTRAÇÃO DA TERRA E DA RENDA

“muitos arrendamentos e grandes rebanhos de gado, especialmente de ovelhas, acumulam-se em poucas mãos, por meio do que as rendas da terra tinham crescido muito, decaindo, ao mesmo tempo, a lavoura (*tillage*), sendo demolidas igrejas e casas e massas populares maravilhosas incapacitadas de sustentar a si mesmas e a suas famílias”.

Marx, Karl (1867) O Capital. “Cap. XXIV – A chamada acumulação original”. Livro Primeiro, Tomo II, Coleção Os Economistas, Nova Cultural, 1986. (pg. 344)

# ACUMULAÇÃO PRIMITIVA E ESPOLIAÇÃO

O roubo dos bens da Igreja, a fraudulenta alienação dos domínios do Estado, o furto da propriedade comunal, a transformação usurpadora e executada com terrorismo inescrupuloso da propriedade feudal e clânica em propriedade privada moderna, foram outros tantos métodos idílicos da acumulação primitiva. Eles conquistaram o campo para a agricultura capitalista, incorporaram a base fundiária ao capital e criaram para a indústria urbana a oferta necessária de um proletariado livre como os pássaros.

Marx, Karl (1867) O Capital. “Cap. XXIV – A chamada acumulação original”. Livro Primeiro, Tomo II, Coleção Os Economistas, Nova Cultural, 1986. (pg. 355)

IMPERIALISMO E SUBDESENVOLVIMENTO

MIKE DAVIS (2002) HOLOCAUSTOS  
VITORIANOS: A INVENÇÃO DO TERCEIRO  
MUNDO

# SÉCULO XIX: O SÉCULO DA CIÊNCIA E DO PROGRESSO?

on famines as “engines of historical transformation.”<sup>31</sup> The great Victorian famines were forcing houses and accelerators of the very socio-economic forces that ensured their occurrence in the first place. A key thesis of this book is that what we today call the “third world” (a Cold War term)<sup>32</sup> is the outgrowth of income and wealth inequalities – the famous “development gap” – that were shaped most decisively in the last quarter of the nineteenth century, when the great non-European peasantries were initially integrated into the world economy. As other his-

## As grandes fomes da Belle Époque

India	1876–79	10.3 million	Digby
		8.2 million	Maharatna
		6.1 million	Seavoy
	1896–1902	19.0 million	<i>The Lancet</i>
		8.4 million	Maharatna/Seavoy
		6.1 million	Cambridge
India Total		12.2–29.3 million	
China	1876–79	20 million	Broomhall
		9.5–13 million	Bohr
	1896–1900	10 million	Cohen
		China Total	
Brazil	1876–79	0.5–1.0 million	Cunniff
	1896–1900	n.d.	
	Brazil Total		2 million
Total		31.7–61.3 million	

Source: Cf. William Digby, "Prosperous" *British India*, London 1901; Arap Maharatna, *The Demography of Famine*, Delhi 1996; Roland Seavoy, *Famine in Peasant Societies*, New York 1986; *The Lancet*, 16 May 1901; *Cambridge Economic History of India*, Cambridge 1983; A. J. Broomhall, *Hudson Taylor and China's Open Century, Book Six, Assault on the Nine*, London 1988; Paul Bohr, *Famine in China*, Cambridge, Mass. 1972; Paul Cohen, *History in Three Keys*, New York 1997; Roger Cunniff, "The Great Drought: Northeast Brazil, 1877–1880," Ph.D. diss., University of Texas, Austin 1970; and T. Lynn Smith, *Brazil: People and Institutions*, Baton Rouge, La. 1954. Chapters 3 and 5 have detailed discussions of these estimates.

# ○ FARDO DO HOMEM BRANCO

Young, who had become as enchanted with Egypt's common people as with its ancient monuments, was appalled by the new British suzerains' contemptuous attitude toward both. "The Englishman," he observed, "looks upon these people as his hewers of wood and drawers of water, whose duty is to work and to thank the Lord when they are not flogged. They only regard these monuments [meanwhile] as reservoirs from which they can supply their own museums and for that purpose they have plundered Egypt, just as Lord Elgin plundered Greece." Young noted the crushing burden that the country's enormous foreign debt, now policed by the British, placed upon its poorest and now famished people. The ex-President, for his part, was annoyed by the insouciant attitude of the local bureaucrats confronted with a disaster of such magnitude.<sup>5</sup>

# A INTEGRAÇÃO AO MERCADO

A year later in Bombay, Young found more evidence for his thesis that “English influence in the East is only another name for English tyranny.” While the Grants were marveling over the seeming infinity of servants at the disposal of the sahibs, Young was weighing the costs of empire borne by the Indians. “There is no despotism,” he concluded, “more absolute than the government of India. Mighty, irresponsible, cruel ...” Conscious that more than 5 million Indians by official count had died of famine in the preceding three years, Young emphasized that the “money which England takes out of India every year is a serious drain upon the country, and is among the causes of its poverty.”<sup>6</sup>

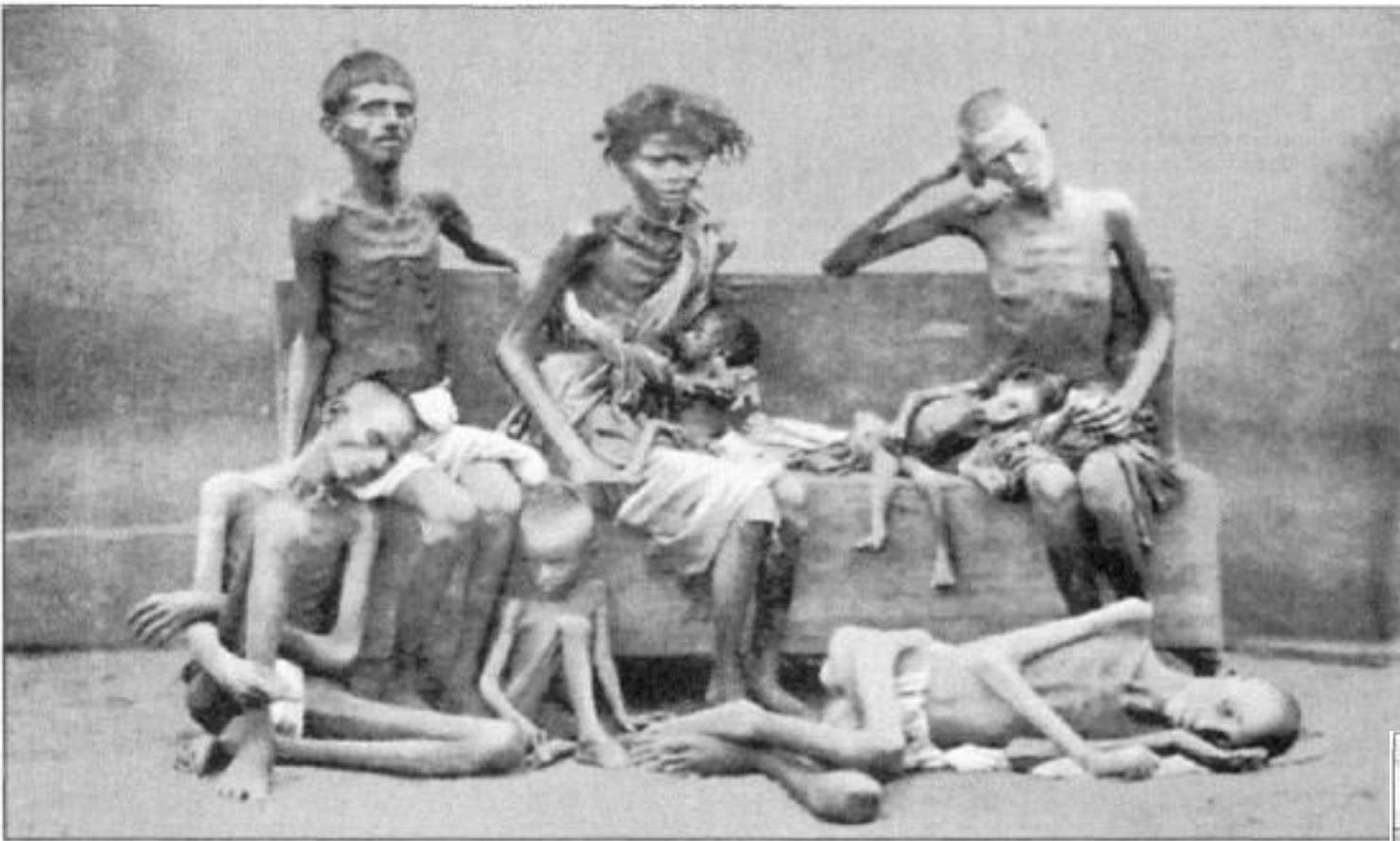


Figure 1.6 Famine Victims, 1877

The original caption of this missionary photograph reads, "Those who have got to this stage rarely recover."

Table 1.1  
Indian Wheat Exports to the UK, 1875–78  
(1000s of Quarters)

1875	308
1876	757
1877	1409
1878	420

Source: Cornelius Walford, *The Famines of the World*, London 1879, p. 127.



Figure 1.5 Grain Stores in Madras, February 1877

# MILHÕES DE MORTOS

En route from Tianjin to Beijing, the Americans were wearied by the “fierce, unrelenting heat” compounded by depressing scenery of hunger and desolation.<sup>11</sup> Three years of drought and famine in northern China – officially the “most terrible disaster in twenty-one dynasties of Chinese history” – had recently killed somewhere between 8 million and 20 million people.<sup>12</sup> Indeed nervous American consular officials noted in their dispatches that “were it not for the possession of improved weapons mobs of starving people might have caused a severe political disturbance.”<sup>13</sup> In his conversations with Li Hongzhang, Grant lectured with

# A ECONOMIA TRADICIONAL

O ponto crucial da segurança alimentar da Era de Ouro era o controle dos preços dos grãos e a organização do abastecimento pelo próprio imperador. Embora os silos sempre normais fossem uma antiga tradição, a monitorização dos preços foi uma importante inovação dos chings. “Grande cuidado era exercido pelos imperadores do século XVIII ao examinar, à procura de incoerências, os relatórios e as listas de preços”. No quinto dia de cada mês, os magistrados *hsien* enviavam detalhados relatórios de preços às prefeituras, que os resumiam para os governadores provinciais, que por sua vez transmitiam seu conteúdo em informes ao governo central.<sup>15</sup> Minuciosamente estudados e anotados pelos imperadores, esses “documentos” testemunham um extraordinário compromisso com a administração de garantia alimentar e o bem-estar rural. “Nas décadas de 1720 e 1730”, escreve R. Bin Wong, “o

# KARL POLANY – A GRANDE TRANSFORMAÇÃO

The catastrophe of the native community is a direct result of the rapid and violent disruption of the basic institutions of the victim (whether force is used in the process or not does not seem altogether relevant). These institutions are disrupted by the very fact that a market economy is foisted upon an entirely differently organized community; labor and land are made into commodities, which, again, is only a short formula for the liquidation of every and any cultural institution in an organic society... **Indian masses in the second half of the nineteenth century did not die of hunger because they were exploited by Lancashire; they perished in large numbers because the Indian village community had been demolished.<sup>21</sup>**

# HOLOCAUSTOS COLONIAIS

assistência social enganadora e disciplina da mão-de-obra. “Exigir dos pobres que trabalhassem para receber socorro, prática iniciada em 1866 em Bengala sob a influência da Lei dos Pobres vitoriana, estava em franca contradição com a premissa bengalesa de que se devia dar a comida de boa vontade, como um pai alimenta os filhos”.<sup>45</sup> Embora os britânicos insistissem em que haviam salvo a Índia da “fome eterna”, mais de uma autoridade ficou abalada quando nacionalistas indianos, citados em um estudo de 1878 publicado no prestigioso *Journal of the Statistical Society*, cotejaram trinta e uma fomes sérias em 120 anos de governo britânico, contra apenas dezessete fomes registradas em todos os dois milênios anteriores.<sup>46</sup>

**Tabela 2.2. Participação do Ocidente e do Resto na população mundial e no PIB mundial: 1820-1950**

(em percentagens)

	População mundial					
	1820	1870	1900	1913	1940	1950
<b>Ocidente</b>	<b>25,6</b>	<b>32,2</b>	<b>35,8</b>	<b>36,8</b>	<b>35,2</b>	<b>33,0</b>
Europa Ocidental	12,8	14,7	14,9	14,6	12,8	12,1
Ramificações do Ocidente	1,1	3,6	5,5	6,2	6,7	7,0
Leste Europeu	3,5	4,2	4,5	4,4	4,1	3,5
Antiga URSS	5,3	7,0	8,0	8,7	8,5	7,1
Japão	3,0	2,7	2,8	2,9	3,2	3,3
<b>Resto</b>	<b>74,4</b>	<b>67,8</b>	<b>64,2</b>	<b>63,2</b>	<b>64,8</b>	<b>67,0</b>
Ásia, inclusive	65,2	57,6	53,0	51,7	50,7	51,5
China	36,6	28,1	25,6	24,4	22,6	21,6
Índia	20,1	19,8	18,2	16,9	16,8	14,2
África	7,1	7,1	7,0	7,0	8,4	9,0
América Latina	2,1	3,2	4,1	4,5	5,7	6,5

	PIB mundial					
	1820	1870	1900	1913	1940	1950
<b>Ocidente</b>	<b>36,9</b>	<b>57,4</b>	<b>67,4</b>	<b>70,4</b>	<b>71,0</b>	<b>72,9</b>
Europa Ocidental	22,9	33,0	34,2	33,0	29,7	26,2
Ramificações do Ocidente	1,9	10,0	17,6	21,3	23,2	30,7
Leste Europeu	3,6	4,5	5,2	4,9	4,1	3,5
Antiga URSS	5,4	7,5	7,8	8,5	9,3	9,6
Japão	3,0	2,3	2,6	2,6	4,7	3,0
<b>Resto</b>	<b>63,1</b>	<b>42,6</b>	<b>32,6</b>	<b>29,6</b>	<b>29,0</b>	<b>27,1</b>
Ásia, inclusive	56,5	36,1	25,6	22,3	19,9	15,6
China	33,0	17,1	11,1	8,8	6,4	4,6
Índia	16,1	12,2	8,6	7,5	5,9	4,2
África	4,5	4,1	3,4	2,9	3,5	3,8
América Latina	2,2	2,5	3,6	4,4	5,6	7,8

Fonte: Cálculos do autor a partir do banco de dados de Maddison on-line; ver Apêndice.

Nayar, Deepak (2014) A corrida pelo crescimento. Países em desenvolvimento na economia mundial. Rio de Janeiro, Contraponto.

# LÓGICA DA SOBREVIVÊNCIA X LÓGICA DA ACUMULAÇÃO

Primeiramente, a forçosa incorporação da produção de pequenos proprietários de terra nos circuitos financeiros e de mercadorias controlados do exterior, tendeu a enfraquecer a tradicional segurança alimentar. Recentes estudos confirmam que foi a *adversidade de subsistência* (impostos altos, dívidas crônicas, inadequada medição de hectares, perda de oportunidades de emprego subsidiário, proibição de acesso a recursos comuns, dissolução de obrigações patrimoniais e assim por diante), e não a oportunidade empresarial que promoveu de modo típico a mudança para o cultivo orientado para o mercado. O capital rural, por sua vez, tendeu a ser parasitário, em vez de produtivo, à medida que ricos proprietários de terras transferiam as fortunas, construídas durante grandes expansões das exportações, para a usura, excessivos preços de aluguel de terra e corretagem de colheitas. “Os produtores de gêneros de subsistência, marginais” assinala Hans Medick,

# DETERIORAÇÃO DOS TERMOS DE TROCA

Segundo, a integração de milhões de agricultores tropicais no mercado mundial durante fins do século XIX foi acompanhada de uma drástica deterioração em suas relações de comércio. A falta de poder de mercado dos camponeses em relação aos comerciantes de colheitas e credores era redobrada pelo declínio do valor de mercado internacional dos seus artigos. A famosa onda recessiva Kondratief, 1873-1897, fez drásticas discriminações geográficas. Como sugere W. Arthur Lewis, apenas a produtividade comparativa ou os custos de transporte não podem explicar uma emergente estrutura de desigual troca global que estimava os produtos da agricultura tropical de forma tão diferente dos da agricultura temperada. “Com exceção do açúcar, todas as mercadorias cujo preço em 1913 era inferior ao de 1883 eram produzidas quase inteiramente nos trópicos. Todas as mercadorias cujos preços subiram durante esse período de trinta anos eram as pelas quais os países temperados eram responsáveis por parte significativa do abastecimento total. A queda nas taxas

# DESPOITISMO FISCAL E MONETÁRIO

Terceiro, o imperialismo vitoriano, formal e informal, sustentado pelo automatismo supranacional do Padrão Ouro, confiscou a autonomia fiscal local e impediu as reações de desenvolvimento no nível de Estado — em especial os investimentos em conservação de água e irrigação — que poderiam ter reduzido a vulnerabilidade aos impactos climáticos. Como a famosa queixa de Curzon à Câmara dos Lordes, as tarifas “eram decididas em Londres, não na Índia; no interesse da Inglaterra, não da Índia”.<sup>52</sup> Além disso, como veremos no capítulo seguinte, qualquer benefício de base trazido pela construção britânica de vias férreas e canais foi em grande parte anulado pela negligência oficial com a irrigação local e o brutal bloqueio de recursos florestais e pastorais. Os ganhos com as exportações, em outras palavras, não retornavam para os pequenos proprietários como incrementos da renda familiar, tampouco como capital social utilizável ou investimento estatal.

ACUMULAÇÃO PRIMITIVA OU  
ESTRUTURAL?

# RELATÓRIO FIGUEIREDO - 1967

O índio , razão de ser do SPI, tornou-se vítima de verdadeiros celerados, que lhe impuseram um regime de escravidão e lhe negaram um mínimo de condições de vida compatível com a dignidade da pessoa humana.

É espantoso que existe na estrutura administrativa do País repartição que haja descido a tão baixos padrões de decência. E que haja funcionários públicos, cuja bestialidade tenha atingido tais requintes de perversidade. Venderam-se crianças indefesas para servir aos instintos de indivíduos desumanos. Torturas contra crianças e adultos, em monstruosos e lentos suplícios, a título de ministrar justiça.

# RELATÓRIO FIGUEIREDO - 1967

Os espancamentos, independentes de idade ou sexo, participavam de rotina e só chamavam a atenção quando, aplicados de modo exagerado, ocasionavam a invalidez ou morte.

Havia alguns que requintavam a perversidade, obrigando pessoas a castigar seus entes queridos. Via-se, então filho espancar mãe, irmão bater em irmã e, assim por diante.

O "tronco" era, todavia, o mais enconstradição de todos os castigos, imperando na 7ª Inspetoria. Consistia na trituração do tornozelo da vítima, colocado entre duas estacas enterradas juntas em ângulo agudo. As extremidades, ligadas por roldanas, eram aproximadas lenta e continuamente.

# RELATÓRIO FIGUEIREDO - 1967

O trabalho escravo não era a única forma de exploração. Muito adotada também era a usurpação do produto do trabalho. Os roçados laboriosamente cultivados, eram sumariamente arrebatados do miserável sem pagamento de indenização ou satisfação prestada.

A crueldade para com o indígena só era suplantada pela ganância. No primeiro caso nem todos incorreram nos delitos de maus tratos aos índios, mas raros escaparam dos crimes de desvio, e apropriação ou de dilapidação do patrimônio indígena.

# 1- CRIMES CONTRA A PESSOA E A PROPRIEDADE DO ÍNDIO

- 1.1 - Assassinatos de índios (individuais e coletivos: tribos)
- 1.2 - Prostituição de índias
- 1.3 - Sevícias
- 1.4 - Trabalho escravo
- 1.5 - Usurpação do trabalho do índio
- 1.6 - Apropriação e desvio de recursos oriundos do patrimônio indígena
- 1.7 - Dilapidação do patrimônio indígena:
  - a) venda de gado
  - b) arrendamento de terras
  - c) venda de madeiras
  - d) exploração de minérios
  - e) venda de castanha e outros produtos de atividades extrativas e de colheita
  - f) venda de produtos de artesanato indígena
  - g) doação criminoso de terras
  - h) venda de veículos

# RELATÓRIO FIGUEIREDO - 1967

O episódio da extinção da tribo localizada em Itabuna, na Bahia, a serem verdadeiras as acusações, é gravíssimo. Jamais foram apuradas as denúncias de que foi inoculado o vírus da varíola nos infelizes indígenas para que se pudessem distribuir suas terras entre figurões da Governo.

Mais recentemente os Cintas-largas, em Mato Grosso, teriam sido exterminados a dinamite atirada de avião, e a extricini na adicionada ao açúcar enquanto os mateiros os caçam a tiros de "pi-ri-pi-pi" (metralhadora) e racham vivos, a facção, do pubis / para a cabeça, o sobrevivente !!! Os criminosos continuam impunes, tanto que o Presidente desta Comissão viu um dos asseclas dêste hediondo crime sossegadamente vendendo picolé à crianças em uma esquina de Cuiabá, sem que justiça Matogrossense o incomode.

# RELATÓRIO FIGUEIREDO - 1967

Os Kadiueus (antigos Guaiacurús), donos das ricas terras que lhes deu o Senhor D. Pedro II pela decisiva ajuda à tropas brasileiras naquela região durante a Guerra do Paraguai, sentem-se escorraçados em seus domínios, o seu gado vendido e suas mulheres prostituídas.

Abatem-se as florestas, vendem-se gados, arrendam-se terras, exploram-se minérios. Tudo é feito em verdadeira orgia / predatória porfiando cada um em estabelecer novos recordes de rendas hauridas à custa da destruição das reservas do índio.

Mas não para ainda a espoliação do índio. Aquilo que não podia render dinheiro farto e fácil podia ser distribuído ou tomado por poderosos locais, por seus afilhados ou testas de ferro. Os dirigentes do SPI nada diziam ou providenciavam para obstaculizar.

Assim foi o que o SPI perdeu vastíssima área. Incluindo-se entre elas, pela extensão e valor, a reserva de Mangueiri - nha no Paraná e a Colônia Tereza Cristina, em Mato Grosso. Em ambos os casos o SPI, ou a futura Fundação do Índio, tem condições e obrigação de recuperá-las.

dados sobre

# MORTES NO CAMPO



MENOS DE 10%



dos casos de assassinato  
no campo foram julgados

Desde 1985,



60

pessoas



são mortas no campo,  
em média, por ano

44%



dos casos de assassinato no  
campo acontecem na região norte

o estado do

## PARÁ

lidera o ranking de  
mortes, com

645

vítimas

# ASSASSINATOS DE ÍNDIOS NO BRASIL

## Assassinatos no Brasil e no Mato Grosso do Sul

	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Total	Média
<b>Total Brasil</b>	42	37	43	58	92	60	60	60	51	60	53	616	56
Nº absoluto MS	13	16	28	28	53	42	33	34	32	37	33	349	31
Nº abs restante	29	21	15	30	39	18	27	26	19	23	20	267	24
MS (%)	33%	43%	65%	48%	58%	70%	54%	57%	62%	61%	62%	56%	55%

## Mato Grosso do Sul - Suicídio entre indígenas – 2000 a 2013

Ano	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	Total
<b>Nº de suicídios</b>	44	40	38	53	42	50	40	40	59	42	40	45	53	73*	659

Fonte: Secretaria Especial de Saúde Indígena/Ministério da Saúde

\* Dado sujeito à revisão. Há diferenças com a tabela do Relatório de Violência de 2012, especialmente no ano de 2012 onde foi registrado o número de 56 casos

# ACUMULAÇÃO PRIMITIVA EM SOLO URBANO

# INCÊNDIOS EM FAVELAS, MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, 2005-2014



Fonte: <http://fogonobarraco.laboratorio.us/#>

# ARQUITETURA DA DESTRUIÇÃO

por **POR ANA ARANHA E MAURÍCIO MONTEIRO FILHO**

"Quando nós ficamos sabendo, nem ficamos acreditando. Mas a família confirmô." Quando Gilsicleide dos Santos fala, com o corpo apoiado no batente da porta, suas frases soam como versos do sambista paulistano Adoniran Barbosa. Mas, na guarda da entrada de seu barraco, um dos últimos a cair na demolição de parte da favela Real Parque, sua voz não apresentava melodia. No intervalo das marretadas, o único som que se ouvia vinha dos passos apressados pelas vielas. Em um fluxo calado, moradores sem camisa carregavam colchões e estrados de cama na contramão de funcionários com marreta na mão, uniforme e capacete, contratados para derrubar mais uma favela no centro financeiro da Zona Sul de São Paulo. O ar estava carregado de pó e o entulho dos barracos já demolidos se misturava a cadernos de escola, sofás rasgados e sapatos sem sola. Crianças desbravavam as ruínas de quartos e cozinhas, mas nem elas faziam barulho. Habituada a discussões de vizinhos por causa dos raps ou funks no último volume, a favela de onde Gilsicleide resistia em sair estava, enfim, em silêncio.



